

O QUE DIZEM AS MULHERES DE TRÊS DIFERENTES GERAÇÕES SOBRE O LAZER¹

Sandra Helena Joris Bertollo², Maria Simone Vione Schwengber³.

¹ Pesquisa elaborada no curso de Mestrado em Educação nas Ciências

² Aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências, bolsista FAPERGS/CAPES, sandrahj.bertollo@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Orientadora, simone@unijui.edu.br

Introdução

A grande maioria das mulheres trabalha uma tripla jornada. E isso talvez seja uma das razões pelas quais o tempo livre não está tão presente no seu cotidiano, restringindo os espaços entre ele e o de lazer das mulheres. Sendo o lazer uma experiência, uma atitude, ele é uma necessidade essencial do sujeito. Uma atividade valiosa e enriquecedora da dimensão humana, desde a infância até a velhice. Apesar da importância das experiências de lazer, não disponibilizamos (sobretudo as mulheres) de tempo. Vivemos numa cultura que prioriza o trabalho. Universalmente, homens e mulheres são definidos pelo que fazem. Ambos sofrem a pressão esmagadora que exalta o trabalho. Todavia, as experiências de trabalho dos homens em geral inserem e encorajam oportunidades de lazer de um modo diferente do das mulheres (ABRAMS, 2001).

As práticas corporais, dentre elas as de lazer não são estanques, produzem marcas identitárias e subjetivas no decorrer das gerações. Um mesmo sujeito (corpo) significa o lazer de diversos modos ao longo de sua trajetória de vida. Considerando o lazer como uma esfera sócio-cultural, os marcadores de idade, gênero, nível de escolaridade, classe social, entre outros, vão produzindo as práticas de lazer das mulheres.

Neste contexto, a discussão de gênero adotada neste artigo vai privilegiar abordagens que enfocam a linguagem “como locus de produção das relações que a cultura estabelece entre o corpo, sujeito, conhecimento e poder” (MEYER, 2013, p. 18). O conceito de gênero, nesta perspectiva teórica, engloba todas as formas de constituição social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos e significam suas experiências (MEYER, 2013).

Ocupamos-nos nesse trabalho com a discussão sobre as representações, aqui entendidas como práticas de produção de significados, que as mulheres atribuem ao lazer. Esses significados são gerados por meio da linguagem e implicam relações de poder (ANDRADE, 2002). É por meio do estabelecimento dessas relações de poder que o lazer (e também o corpo) é significado e representado de um modo e não de outro.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

A pesquisa tem como objetivo descrever e problematizar os modos pelos quais as mulheres significam o lazer.

Metodologia

O trabalho de campo que originou o material empírico analisado na pesquisa foi desenvolvido no mês de março de 2014, através do que denominamos, adotando a expressão de Silveira e Andrade (2013) conversas semiestruturadas. Foram convidadas a participar três mulheres de uma mesma família, porém de gerações diferentes, sendo que as mesmas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Na composição genealógica da família identificamos Alba com 89 anos, Rosa com 67 anos e Ana com 48 anos de idade, respectivamente avó, mãe e filha. Alba e Rosa moram em Três Passos, RS e Ana em Ijuí, RS.

Um roteiro de questões guiou a conversa, realizada individualmente na residência destas mulheres. A intenção foi “garimpar” na memória de cada uma, as lembranças que traziam em sua trajetória de vida, acerca do lazer. Para manter um fio condutor, nestas conversas foram elencados alguns demarcadores das fases da vida humana: infância, juventude (antes e após o casamento) e adulta.

Resultados e Discussão

O desafio que nos propomos aqui foi o de multiplicar as representações que as mulheres demonstraram em suas falas sobre o lazer, entendendo que tornar visíveis essas representações implica desmontar a noção de que os significados de lazer são fixos em uma cultura. Buscamos problematizar, ancoradas no conceito de gênero e representação, o caráter construído das significações que surgem na cultura e que tornam-se muitas vezes naturalizadas. Apresentamos a seguir as trajetórias de vida (e os ditos) das três mulheres:

Alba, de 89 anos de idade nasceu em 1924, período em que o Brasil passou por uma crise econômica, motivada pela queda das exportações causadas pela Primeira Guerra Mundial. As mulheres, nesta época, lutavam para ter direito ao voto.

Filha de pequenos agricultores, de origem alemã, Alba viveu sua infância no interior, a maior parte dela no município de Três Passos, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Conta que na infância brincava com os irmãos, primos e vizinhos, no turno da tarde, pois de manhã ajudava nas tarefas domésticas. Utilizava artefatos como pedras, frutas, folhas de plantas para confeccionar seus brinquedos. Estudou até a 3ª série, porém em alemão, devido a influência da imigração alemã nesta região do estado. Em virtude disto, não sabe ler e escrever em português, apenas assina seu nome.

Na juventude, o lazer desta octogenária estava nos bailes do interior que frequentava sempre acompanhada pelos familiares. Conta que “nunca ia sozinha”. A liberdade era vigiada, normatizada. Parece que havia uma preocupação por parte da família em seguir as regras, sobretudo morais, da época. Assim, à mulher cabia a distinção e a discrição. É nesta fase que se casa, e como enfatiza: “Daí tudo acabou”. Teve seis filhos, mesmo grávida precisava trabalhar na lavoura e manter sua rotina no cuidado com os animais e com as tarefas domésticas. “Eu não tinha tempo para descansar, enquanto o marido sentava e tomava mate eu tinha que fazer comida, cuidar das crianças, limpar a casa”. “A pressão sobre as mulheres para usar seu tempo de maneira produtiva e virtuosa era extrema” (ABRAMS, 2001, p. 124). Esse é um legado que herdamos. Até hoje muitas mulheres

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

conservam um espírito zeloso e dedicado. Elas foram persuadidas a este papel por uma combinação de exigências políticas e econômicas (ABRAMS, 2001). Somente quando os filhos estavam maiores Alba começou a desfrutar do lazer, participando de jogos de bolão de mesa na comunidade interiorana. Na velhice, foi morar no perímetro urbano do município de Três Passos. Neste período o lazer estava ligado a um grupo de idosos que integrava, além das visitas aos vizinhos e parentes. Porém, com a morte do esposo há quatro anos, nos momentos de lazer “fico sentada, tomando mate”.

A outra mulher de nossa pesquisa, Rosa, 67 anos, nasceu em 1946, no interior (onde viveu grande parte de sua vida) de Três Passos. Neste ano o Brasil, promulgou sua quinta constituição, que congregou princípios liberais e conservadores. Nesta época, em termos de movimento feminista as mulheres lutavam pelo acesso ao ensino superior e aliavam-se aos movimentos socialistas, na organização de sindicatos e melhores condições de trabalho e salário (MEYER, 2013).

Rosa conta que na infância seus brinquedos, como carrinho de lombo, eram construídos em conjunto com os irmãos e amigos. Lembra que o contato com a natureza era intenso “a gente brincava nos poteiros, subia nas árvores”. Entretanto desde este período realizava tarefas domésticas. Sua vida, que denominamos “laboral remunerada” iniciou ainda na infância, quando foi trabalhar na casa de uma vizinha.

Na juventude, conforme aconteceu com sua mãe, sempre sob o olhar de um familiar, frequentava bailes, também se reunia com um grupo de amigas para assistir aos jogos de futebol da comunidade. Ainda adolescente casou e um ano após nasceram as primeiras filhas (gêmeas). Durante o casamento, por vários anos o lazer era restrito às visitas na casa dos pais ou sogros. Depois começou a frequentar jogos de bolão de mesa na comunidade. Rosa conta que na zona rural “a vida não foi fácil”. Sempre trabalhou cuidando da casa, da lavoura, dos animais, do marido e dos filhos e ainda incrementava o orçamento familiar comercializando produtos coloniais, na maioria, produzidos por ela. A pressão para priorizar as necessidades alheias mais que as próprias é uma das principais razões de muitas mulheres terem dificuldade em identificar suas inclinações para o lazer (ABRAMS, 2001).

Há oito anos Rosa passou a morar no perímetro urbano do município onde nasceu. A partir de então, sua vida “está melhor, sem os afazeres da lavoura”. Confessa que “Agora tenho tempo para ir conversar e tomar mate nos vizinhos”. Seus momentos de lazer incluem além das visitas aos vizinhos, almoços e jantares com amigos e familiares, jogos de bolão de mesa e bailes. Rosa não é alfabetizada, sabe apenas assinar seu nome, mas opera bem com a lógica matemática.

A terceira geração destas mulheres é Ana, 48 anos. Nasceu no interior de Três Passos, no ano de 1965, época em que o Brasil estava imerso na ditadura militar e o movimento feminista se associa aos movimentos de oposição ao governo militar.

Na infância Ana ajudava na lavoura e nas tarefas domésticas. Lembra que brincava com as bonecas (que ela e/ou a mãe costura), com os animais, com os irmãos, colegas e amigos. “Quando chovia a gente brincava no barro e tomava banho de chuva. Era muito bom”.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

Na adolescência assistia jogos de futebol na sua comunidade, passeava na casa de amigas e dançava nos bailes (como nas duas gerações anteriores, com a supervisão de um parente). Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Na vida adulta se transfere para Ijuí com o objetivo de trabalhar e cria um novo grupo de amizades para se divertir. É nesse período que conhece o rapaz com quem se casa. Casada saía com o marido, mas somente para visitar a família. Com o fim do casamento, forma um novo rol de amigos e com eles promove jantares, vai a bailes e reuniões dançantes. Ana diz que nos momentos livres também brincava com a filha, fazia crochê e descansava.

Há quinze anos passou a viver com seu atual companheiro e desde então seus momentos de lazer incluem: jantar com amigos, confeccionar artesanato, costurar, olhar televisão, tomar chimarrão, ir à igreja e passear com os netos. Abrams (2001) critica que as atividades de lazer feminino são permeadas pela utilidade e a ocupação em decorrência de uma cultura de que as mulheres não devem ter o direito de confortavelmente descansar, ou de realizarem outras atividades sem serem criticadas moralmente.

A trajetória de vida destas três gerações de mulheres, expondo como cada uma representa o lazer, apresenta evidências de que aquilo que as mulheres podem fazer considera a necessidade de examinar os diferentes modos pelos quais o gênero opera. A própria estruturação social implica na produção, manutenção ou significação, tornado os papéis, funções, processos, possíveis.

Considerações finais

Os indivíduos e no caso deste estudo, as mulheres, aprendem desde cedo a ocupar seus lugares sociais e aprendem isso de diversas instâncias, por meio de estratégias muitas vezes sutis e naturalizadas.

A trajetória de vida das três mulheres desta pesquisa possibilitou a problematização de alguns enunciados que constituem as condições e possibilidades de como emerge o lazer a partir dos contextos sociais e culturais em que estas mulheres vivem.

Neste estudo nos dispomos a discutir a produção de diferenças de gênero a partir do marcador de geração. Desse modo podemos dizer que os sentidos de lazer estão implicados com a trajetória individual de cada uma dessas mulheres, com o tempo, o lugar, as circunstâncias específicas e com as trajetórias geracionais.

As mudanças e permanências que ao longo deste trabalho foram explicitadas, dizem respeito a valores e instituições que constituem o quadro complexo das relações socioculturais: a família, o casamento, o trabalho e das experiências de lazer. No entanto, avaliamos que há evidências de que a família e a maternidade continuam sendo um dos valores fundamentais na forma como essas mulheres se veem e conduzem a fruição do tempo lazer.

Palavras-Chave: Gênero; Significação; Trajetória de vida.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e à CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) pelo apoio financeiro desta pesquisa.

Referências

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

ABRAMS, Rebecca. *Jogo de cintura*. Tradução de Eliane Fraga. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2001.

ANDRADE, Sandra dos Santos. “Uma boa forma de ser feliz”: representações de corpo feminino na revista *Boa Forma*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

Disponível em:
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1623/000353790.pdf?sequence=1>. Acesso em 04 de junho de 2014.

ANDRADE, Sandra dos Santos ; SILVEIRA Catharina da Cunha. *Homens-pais: o que as crianças têm a dizer sobre eles?* Disponível em:
http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384197960_ARQUIVO_HOMENSPAIS_OQUEASCRIANCASTEMADIZERSOBREELES.pdf. Acesso em 04 de junho de 2014.

MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e educação: teoria e política*. In: *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). 9ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.